

## SITUAÇÕES DO COTIDIANO QUE INTERFEREM NA APRENDIZAGEM DO ALUNO NA ADOLESCÊNCIA

**Rodrigo Lemes Martins**  
**Ana Paula de Oliveira Ribeiro**  
**Fabiane Sebaio, Kátia Bernardeli**  
**Francis de Moraes Franco Nunes**

Acadêmicos do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia –MG  
Bolsistas do Programa Especial de Treinamento PET/BIOLOGIA.

### Resumo

Atualmente, no processo de ensino e aprendizagem temos mais perguntas do que respostas. Os professores, que são constantes avaliadores do resultado de sua prática, não conseguem responder à pergunta: “- Onde foi que eu errei?”. Principalmente devido à visão de que o não aprendizado do aluno é devido a este não saber como aproveitar os conhecimentos passados pelo professor. Assim, o problema da não aprendizagem é encarado como de total responsabilidade dos alunos. O conhecimento teórico de que a capacidade do entendimento do aluno nos diferentes estágios necessita do desenvolvimento das fases anteriores para uma evolução subsequente, são constatações recentes dos professores, essa demora na adoção dessa filosofia fez com que, por muito tempo, o aluno fosse considerado um “adulto em miniatura” capaz de assimilar todo o conteúdo. Em geral, a realidade social do aluno e do professor fica relegada em segundo plano, não havendo uma análise coerente dos problemas extra-classe. No contexto social, os problemas da educação são sentidos igualmente por alunos das escolas elitistas e periféricas, porém os das escolas periféricas desconhecem o sistema competitivo em que estarão inseridos. O objetivo desse trabalho é identificar os inúmeros fatores que interferem no processo de aprendizagem, segundo a visão dos alunos, bem como as variações em função das diferentes classes sócio - econômicas. Aplicou-se como metodologia uma entrevista do tipo Não Estruturada, Focalizada, no qual foi elaborado três questões do tipo Aberto - espontâneo. As perguntas foram: Em qual média se situa a renda de sua família? - O quê, na sua opinião, lhe impede de aprender os conhecimentos passados pela escola? - O que você acha que deve ser mudado para melhorar o ensino na sua escola? Foram entrevistados 25 alunos de 5 escolas particulares e públicas do Município de Uberlândia-MG. Para concentrar as respostas numa parcela mais homogênea e evitando variações decorrentes da diferença de idades, os alunos entrevistados se enquadraram na faixa etária de 14 a 16 anos. A questão financeira, não serviu como uma variável capaz de divergir tais respostas, com ressalva às menções sobre a falta de segurança na escola, as quais são de alunos de escola de periferia, com renda familiar até 5 salários mínimos. Os problemas econômicos ficam subentendidos em citações como a do cansaço que, geralmente, é mencionado por alunos que trabalham. Pode-se analisar as menções por categorias, buscando entender melhor a visão dos alunos. Quanto ao ambiente escolar houve poucas citações em relação às demais categorias se restringindo à menções quanto à ineficiência do corpo diretor das escolas em controlar a indisciplina. Quanto aos alunos, pôde-se observar o maior número de menções, podendo estas citações serem relativas a problemas comportamentais e/ou problemas externos à escola. Porém pode ser observado na própria fala destes, que a metodologia do professor é a causa do comportamento do aluno (bagunça, falta de atenção e de paciência etc). Analisando a categoria relativa à metodologia do professor, algumas menções estão mais direcionadas à aplicabilidade do conteúdo, enquadrando-se dentro da questão metodológica, da contextualização dos conteúdos. As atuais visões sugerem

que o respeito pelas limitações do aluno e pelas pré-concepções do mesmo, implícito nas bases da metodologia do professor, é característico de um bom profissional em Educação, que respeita os alunos sem usar da relação de dominação vigente, capaz de inibir o aprendizado. Foi considerado que a abordagem comportamentalista do professor aliena os alunos, que passam a se culpar pelos problemas escolares. Contudo as respostas variaram suficientemente para constatar que as causas do não aprendizado são várias e estão intrinsecamente relacionadas, tornando necessário a reorganização de todo o Sistema Educacional Brasileiro, incluindo os Setores Governamentais que são destinados a esta função.

## Introdução

O processo de ensino e aprendizagem tem passado por um momento de reestruturação, reconstrução, em que ainda temos mais perguntas do que respostas, desse período de instabilidade sairemos com muito mais respostas do que os atuais níveis de compreensão, porém a postura que se tem adotado é a de abertura a novas idéias.

Os professores, que são constantes avaliadores do resultado de suas práticas, não conseguem responder à pergunta: “- Onde foi que eu errei ?”, uma vez que mantêm a visão idealizada por pensadores como Durkheim (1858-1917) onde ‘os mais velhos sabem mais que os mais novos’ e, por isso devem ser os socializadores, enquanto os alunos os socializados. Essa visão torna o processo ensino-aprendizagem uma relação hierárquica, esquecendo do caráter discursivo e cooperativo necessário para a formação do conhecimento, onde a relação de dominação e medo, não impeça a formação de cidadãos integrados em um sistema sócio-democrático (FREITAG, 1996).

Em linhas gerais, deve haver uma revolução no processo de ensino (BORGES, 1996), pois na postura vigente, o professor é o personagem que utiliza do poder da comunicação oral para tolher a participação de alunos e submetê-los ao seu modo de pensar (GARCIA, 1997). Nessa perspectiva, o motivo para o não aprendizado do aluno está na idéia de que este não sabe como aproveitar os conhecimentos passados pelo professor. Segundo HOFFMANN (1996), nas reuniões de conselhos escolares, o problema da não aprendizagem é encarado como de total responsabilidade dos alunos, levando a medidas voltadas para a contenção da indisciplina.

O conhecimento teórico de que a capacidade de abstração do aluno nos diferentes estágios necessitam do desenvolvimento de etapas anteriores, são constatações recentes dos professores (PIAGET, 1987 *apud* HOFFMANN, 1996). A demora na adoção desse caráter, fez com que, por muito tempo, o aluno fosse considerado um “adulto em miniatura” (VYGOTSKY e LURIA, 1996) capaz de assimilar todo o conteúdo.

Neste quadro, as diferenças e concepções individuais são geralmente desconsideradas, pois o professor está sempre à procura de respostas padronizadas. Estes padrões esperados, quando não evidenciados pelos professores, produzem críticas castradoras e inibidoras que geram, nos alunos, antipatia por disciplinas (FERNANDEZ, 1992; HOFFMANN, 1996). Os rótulos negativos diminuem a auto-estima dos alunos, que tem a escola como o único caminho para o sucesso (HOFFMANN, 1996; LATERZA, 1994).

A realidade social do aluno e do professor fica relegada em segundo plano, não sendo considerado, problemas extra-classe deveriam fazer parte da discussão sobre os fatores que influenciam no processo ensino-aprendizagem, evitando um abordagem superficial desta questão na Educação.

Os problemas da educação são agravados por terem sua origem em questões sociais, políticas e econômicas que são, o pano de fundo da escola, que nos revela a realidade dos professores. Estes percebem uma desvalorização cultural de sua profissão, além de uma má remuneração que o submete a uma carga horária de trabalho exaustiva e o faz recorrer também a outros empregos (RONCA, 1996).

Quanto à política educacional, o regime “horista” de trabalho impede qualquer tentativa de manter um processo pedagógico, além de impedir que coloque em prática novas metodologias (RONCA, 1996). O regime escolar sem inovações, não possibilita o desenvolvimento das aptidões dos alunos que são obrigados a assimilar, rotineiramente, uma grande quantidade de conteúdos de pouca ou nenhuma relação com seu cotidiano (CARVALHO, 1997).

Segundo CARVALHO (1997), no contexto social, os efeitos da Educação são sentidos igualmente por alunos das escolas elitistas e das escolas periféricas, ambos são vítimas do sistema educacional. Porém, os das escolas periféricas desconhecem o sistema competitivo do mercado de trabalho em que estarão inseridos, assim como lhes é negada a orientação familiar e escolar, para desempenharem suas tarefas. Na sua maioria, estão, na sua maioria, sujeitos à dupla jornada de trabalho diurno e estudo noturno, não tendo tempo ou material para estudar. A estes restam apenas a palavra taxativa e dogmática do professor (LATERZA, 1994; CARVALHO, 1997). Essa abordagem mostra como uma visão superficial do tema faz com que muitos recorram ao senso comum, tecendo comentários que rotulam negativamente professores e alunos, desvalorizando ainda mais a Educação.

## **Objetivo**

Sabendo que existem inúmeros fatores que interferem no processo de aprendizagem, o objetivo desse trabalho é identificá-los, segundo a visão dos alunos, bem como as variações de frequência dos mesmos em diferentes classes sócio - econômicas.

## **Metodologia**

Partindo do pressuposto que os fatores influenciadores do processo de aprendizagem são muitos e que é fundamental abordar os mais relevantes, aplicou-se como metodologia, uma entrevista do tipo Não Estruturada, Focalizada (BARROS e LEHFELD, 1986).

Na entrevista foram veiculadas três questões do tipo Aberto-espontâneo, permitindo respostas múltiplas e possibilitando estabelecer os fatores que interferem no processo de aprendizagem do aluno.

Com base nos objetivos do trabalho, a entrevista semi-diretiva constou das seguintes questões:

### **1) Em qual média se situa a renda de sua família?**

- menor que 3 salários mínimos
- entre 3 e 5 salários mínimos
- entre 5 e 8 salários mínimos
- maior que 8 salários mínimos

2) O quê, na sua opinião, lhe impede de aprender os conhecimentos passados pela escola?

3) O que você acha que deve ser mudado para melhorar o ensino na sua escola?

Para a entrevista utilizou-se um roteiro onde foram abordados os seguintes dados: nome completo, idade, endereço/telefone, série, escola (**Anexo I**), para que, caso fosse necessário, estes poderiam ser contactados, posteriormente, para esclarecimento de tópicos abordados em suas respostas. A primeira questão, também presente no roteiro, foi respondida marcando-se um “X”. As demais perguntas foram realizadas com o uso de um gravador (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Foram entrevistados 25 alunos de escolas particulares e públicas (Escola Estadual Joaquim Saraiva, Escola Estadual Uberlândia, Escola Estadual Antônio Luiz Bastos, Escola Estadual Messias Pedreiro e Sistema Anglo de Ensino), todas localizadas no Município de Uberlândia -MG.

Os entrevistados foram selecionados de acordo com a disponibilidade de tempo para responder as questões, sendo em alguns casos dispensados da aula pelo professor. Buscando concentrar as respostas numa parcela mais homogênea e evitar variações decorrentes da diferença de idades foram entrevistados alunos com idade entre 14 a 16 anos. Essa faixa etária, corresponde à adolescência, que se caracteriza como um período de transição e de ajustamentos que distinguem o comportamento da criança do comportamento do adulto (MUUSS, 1966). Na adolescência, a busca de identidade faz a criança questionar “autoridades” e valores. Esta luta intensifica problemas do passado e promove outros que podem interferir na aprendizagem.

Para proceder à análise das questões, as entrevistas foram avaliadas, respeitando-se os seguintes critérios:

- a) foram lidas e, então, relatou-se as menções, destacando-se sua autenticidade ou repetição, contabilizando-as de acordo com a renda familiar do entrevistado;
- b) desconsiderou-se a ordem das menções, citadas durante as entrevistas, por se tratar de pergunta do tipo Aberto-espontâneo em questionário aplicado, por não garantir que sua seqüência corresponda fielmente a uma ordem de importância;
- c) ao longo do processo de triagem, foi relatada tantas citações quanto foram necessárias à exata sistematização de agrupamento das respostas;
- d) cada menção recebeu um código para efeito de simplificar a análise dos resultados;
- e) as citações foram, então, agrupadas em categorias, sendo que uma menção pode ocorrer em uma ou mais categorias.

## **Resultados e discussão**

A partir da análise sistemática das entrevistas, os dados são apresentados na Tabela 1. Verifica-se que as respostas em relação aos fatores que interferem na aprendizagem são relativamente homogêneas. No entanto, percebe-se uma prevalência em torno da questão do comportamento do aluno (bagunça, conversa), o que indica o reflexo da teoria Behaviorista divulgada nas salas de aula.

Quanto à questão financeira, esta não se mostrou como uma variável capaz de separar o grupo de menções, com ressalva às citações sobre a falta de segurança na escola, as quais são de alunos de escola de periferia, com renda familiar até 5 salários mínimos. No entanto, os problemas econômicos, ficam subentendidos em citações como a do cansaço, geralmente mencionado por alunos que trabalham. Nesta perspectiva, reconhece-se que os alunos com baixa renda tenham uma jornada de trabalho mais intensa, diminuindo o tempo de estudo e tendo menos contato com material didático o que os torna dependente, exclusivamente, da fala do professor. Além disso, a subnutrição, proveniente da baixa renda financeira, interfere imperceptivelmente na capacidade cognitiva.

Para fins de estudo em Educação, a análise quantitativa, como na Tabela 1, não serve como ferramenta útil na interpretação dos dados. Neste estudo, em especial, o universo de respostas obtidas, independente de sua frequência, são válidos na mesma medida como fatores que dificultam a aprendizagem.

**TABELA 1:** Impasses na aprendizagem segundo os alunos

Código	Citação	Menor	De	De	Maior	Total	%
		3 salários	3 a 5 salários	5 a 8 salários	8 salários		
1	Falta de autoridade do professor	1	2	3	2	8	10,81
2	Bagunça (conversa) dos alunos na sala	1	8	5	7	21	28,38
3	Metodologia inadequada		2	2	2	6	8,11
4	Falta de comprometimento do professor com a Educação		1	1	2	4	5,41
5	Falta de aplicabilidade da matéria no cotidiano				3	3	4,05
6	Falta de atenção do próprio aluno			2	2	4	5,11
7	Mau relacionamento do professor com o aluno		1	1	1	3	4,05
8	Falta de comprometimento do aluno com a educação		2	1	5	8	10,81
9	Falta de paciência do aluno dentro da sala de aula				1	1	1,35
10	Mau aproveitamento do horário de aula				1	1	1,35
11	Cansaço			1	2	3	4,05
12	Monotonia da escola e das aulas			1	1	2	2,70
13	Falta de segurança no local de estudo	1	2			3	4,05
14	Pouca punição da direção			1		1	1,35
15	Problemas familiares dos alunos				1	1	1,35
16	Influência de problemas particulares do professor				1	1	1,35
17	Incerteza (insegurança) quanto à cobrança do professor		1		1	2	2,70
18	Falta de respeito dos alunos para com os professores				1	1	1,35
19	Muitos alunos na sala de aula				1	1	1,35
<b>Total de citações</b>		<b>3</b>	<b>20</b>	<b>18</b>	<b>34</b>	<b>74</b>	
<b>Total de alunos</b>		<b>1/25</b>	<b>10/25</b>	<b>6/25</b>	<b>8/25</b>		

A partir da observação da Tabela 1, pode-se analisar as menções por categorias, buscando entender melhor a visão dos alunos em relação às suas respostas (Tabela 2).

**TABELA 2:** Agrupamento dos impasses na aprendizagem, segundo os alunos, em categorias

Categoria	Menção	Número de menções
Relativas à escola	12 – Monotonia da escola e das aulas	2
	13 – Falta de segurança no local de estudo	3
	14 – Pouca punição da direção da escola	1
	19 – Muitos alunos nas salas	1
Relativas ao aluno	2 – Bagunça (conversa) dos alunos durante a aula	21
	6 – Falta de atenção	4
	8 – Falta de comprometimento	8
	9 – Falta de paciência dentro da sala	1
	11 – Cansaço	3
	15 – Problemas familiares	1
	18 – Falta de respeito para com os professores	1
Relativas ao professor	1 – Falta de autoridade	8
	3 – Metodologia inadequada	6
	4 – Falta de comprometimento com a Educação	4
	5 – Falta de aplicabilidade da matéria no cotidiano	3
	7 – Mau relacionamento em relação ao aluno	3
	10 – Mau aproveitamento do horário de aula	1
	12 – Monotonia da escola e das aulas	2
	16 – Influência de problemas particulares	1
	17 – Incerteza (insegurança) quanto à cobrança do professor	2

### Menções Relativas à Escola

As menções quanto ao ambiente escolar foram pouco citadas com relação às demais categorias, restringindo-se em menções quanto à ineficiência do corpo diretor das escolas em controlar a indisciplina que compromete a aprendizagem.

Na menção 12 são feitas críticas ao regime da escola e a sua monotonia em relação às atividades em geral, pois a escola de hoje se encontra ancorada no modelo tradicional, não proporcionando práticas inovadoras, como gincanas para motivar os alunos.

Já o item 19 demonstra uma questão de ineficiência do Estado em garantir professores e salas para um número menor de alunos, o que contribuiria para o desenvolvimento da grade curricular proposta e permitiria a aplicação de práticas fundamentais como Avaliação Mediadora (HOFFMANN, 1996). Esta constatação, depõe quanto à política do governo intitulada “Toda Criança na escola”, destacando uma dúvida : *‘será que esta escola é de qualidade’?*

A menção de número 13 mostrou-se um problema exclusivo das escolas de periferia, atuando como mais um agravante no processo de aprendizagem uma vez que a violência promove um estado de vigília e medo.

### **Menções Relativas ao Aluno**

O maior número de menções quanto ao fator que interfere no processo de aprendizagem é relativo ao aluno sendo essas atribuições referente a problemas comportamentais e/ou problemas externos à escola, ( menções 11 e 15). A menção 11 é relata o cansaço decorrente do grande número de atividades, as quais os jovens são submetidos em função de sua formação profissional, física, entre outras. Já a menção 15 foi pouco freqüente, demonstrando que apesar dos problemas familiares serem fatores importantes no aprendizado, uma vez que influenciam no campo psicológico (CAPELATTO, 1996), pouca atenção tem sido dada ao papel dos pais na Educação (MESQUITA *et. al*, 1996).

As menções de código 2, 6, 8, 9, 18 são relativas ao comportamento do aluno, de modo que juntas contabilizam 35 menções. De acordo com os alunos entrevistados, a atenção, é o fator que mais influi no aprendizado, porém pode ser observado na própria fala destes, que a metodologia do professor é a causa do comportamento do aluno (bagunça, falta de atenção e de paciência etc).

Sendo assim, o comportamento destaca-se como fator de maior freqüência, devendo ser analisado como uma grupo a parte. Este mostra a importância dada pelo aluno quanto a questão da disciplina na sala de aula, o que realça o caráter do pensamento Behaviorista predominante nos argumentos do professor (HOFFMANN, 1996), que invariavelmente lança mão destes para explicar o motivo do baixo aproveitamento escolar. Este ponto de vista do professor repete-se na fala do aluno que, quando atento realmente, apresenta um maior entendimento da matéria. Mas, será que a metodologia do professor realmente consegue tornar o aprendizado desafiador o suficiente, para que o aluno fique atento?.

### **Menções Relativas ao Professor**

Os itens 3, 10, 12, 17 são relativos à metodologia do professor. Havendo relatos feitos pelos alunos que possibilitam afirmar o peso desse item na aprendizagem. Os alunos esperam por uma aula desafiadora, portanto interessante.

Como exemplo, a citação de D.L.M., 16 anos, que diz: “Se houvesse uma aula diferente, saindo da normalidade, eu acho que haveria um completo interesse da sala... O professor chega, entra na sala, fala - bom dia, escreve no quadro, faz exercício do livro e acabou”. Essa menção, coloca a metodologia do professor como a causadora do comportamento do aluno, o que foi mencionado 35 vezes, sendo juntamente com os problemas relativos a metodologia (19 menções), as citações mais freqüentes.

Analisando a categoria relativa à metodologia do professor, algumas menções estão mais direcionadas à contextualização dos conteúdos. Neste ponto, K.O.F., 16 anos, acredita que a melhor maneira de melhorar sua aprendizagem é os professores saírem das aulas teóricas e dar mais aulas práticas.

O item 4, 7, 16, 17 mostram como a ironia, a deslealdade, a permissividade, o jogo de poder, as más expectativas, todos, implícitos no comportamento do professor, influi no relacionamento e confiança entre professor e aluno, como evidenciado na fala de L.E.F., 15 anos, quando diz: “Há falta de amor dos professores com os alunos e dos alunos para com o professor, e se há falta de amor, a aula não é bem dada”. Esta postura é sustentada por autores como BORGES (1996), que acredita que a falta de amor é o fator mais decisivo no fracasso

escolar, ficando à frente da falta de verbas, instalações físicas inadequadas, métodos e técnicas ultrapassadas. Este ainda sugere que, o respeito pelas limitações do aluno e pelas pré-concepções dos mesmos, implícito nas bases da metodologia do professor, é característico de um bom profissional em Educação, que respeita os alunos sem usar da relação de dominação vigente, capaz de inibir o aprendizado.

Porém, de posse das informações que o desânimo do professor é o principal responsável pelo fracasso escolar, não se pode deixar de relatar o grande número de problemas enfrentados pelos Educadores. Na avaliação de RONCA (1996), atribui-se ao fator econômico, a onerosa culpa pela situação caótica em que se encontra a Educação, pois os professores não encontram tempo para trabalhar, devido ao regime “horista” das aulas, além da necessidade de jornada de trabalho intensa resultante da sub-remuneração e sub-valorização cultural da classe.

### **Considerações finais**

Ao final desta análise que aponta uma série de fatores que contribuem para o insucesso da aprendizagem, sob a visão adolescente, percebe-se que qualquer que seja a situação considerada como impasse, estas competem em pé de igualdade, pois interferem de forma bem mais profunda na vida dos alunos do que se possa entender ou mesmo relatar em pesquisa.

Apesar da questão econômica não aparecer nesta pesquisa como fator de interferência significativo, acredita-se que seja, pois baixas condições de renda desencadeiam um ciclo de problemas como fome (subnutrição), falta de recursos (inclusive para aquisição de material escolar), e talvez, considerando a sociedade capitalista, coloca os menos favorecidos em desvantagem social aos demais, gerando preconceito.

Considerou-se que a abordagem comportamentalista do professor, aliena os alunos que passam a se culpar pelos problemas escolares. Contudo, as respostas variaram suficientemente para percebermos que as causas do não aprendizado são várias, sendo necessário a reorganização de todo o Sistema Educacional Brasileiro, incluindo os Setores Governamentais que são destinados a esta função.

### **Referências**

BARROS, A. J. P. e LEHFELD, N. A. S. 1986. *Fundamentos de Metodologia*; um guia para a Iniciação Científica. São Paulo: McGrawHill: 110-113.

BORGES, P. F. 1996. Ensinando e aprendendo com prazer. *Dois Pontos*, Belo Horizonte, v.27, n.3: 27-30.

CAPELATTO, I. 1996. Educação e limites no exercício do amor. *Dois Pontos*, Belo Horizonte, v.27, n.3: 7-11.

CARVALHO, M. C. S. 1997. O verso e o reverso do ensino. *Dois Pontos*, Belo Horizonte, v.34, n.4: 82-83.



FERNANDEZ, A1992. Qual o teu papel na aprendizagem? In: II JORNADA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, 2, 1992, Porto Alegre. *Palestras...* Porto Alegre: 51-61.

FREITAG, B. 1996. Transformações na relação de poder: da intersubjetividade hierárquica à intersubjetividade cooperativa. *Dois Pontos*, Belo Horizonte, v.27, n.3: 85-93.

GARCIA, O. G. 1997. A aula como momento de formação de educandos e educadores. *Revista de Educação AEC*, São Paulo, v.104: 62-84.

HOFFMANN, J. 1996. *Avaliação Mediadora: Uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Meditação: 37-58.

LATERZA, B. 1994. *Ensino Noturno: a travessia para a esperança*. São Paulo: Global: 51-76.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A 1986. *Pesquisa em Educação: abordagens Qualitativas*. São Paulo: E. P. U: 33-38.

MESQUITA, R.; OLIVEIRA, J. V. e REZENDE, E. P. 1996. A escola que o Brasil precisa. *Dois Pontos*, Belo Horizonte, v.21, n.3: 45-50.

MUUSS, R. 1966. *Teoria da adolescência*. Belo Horizonte: Interlivros, 11 p.

RONCA: 1996. Avaliação escolar. *Dois Pontos*, Belo Horizonte, v.27, n.3: 94-95.

VYGOTSKY, L. S. e LURIA, A. R. 1996. *Estudo sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas: 151-160.